Playlist

Love On the Run - Sons Of Zion	♥	**2:57**
Drunk & I'm Drunk - Marc E. Bassy	♥	**3:56**
Obsessed - Mariah Carey	♥	**4:04**
You Got It - Jamieboy & Myles Parrish	♥	**3:36**
Lose Control - Teddy Swims	♥	**3:30**
Bad Side - iyla	♥	**2:40**
Home - Good Neighbours	♥	**2:37**
Ms. Poli Sci - Paul Russell & Khary	♥	**2:08**
Classic - MKTO	♥	**2:55**
Trial By Fire - Marc E. Bassy feat. Bibi Bourelly	♥	**2:34**
Seasons - VEDO	♥	**3:20**
DFMU - Ella Mai	♥	**3:17**
Must Be Mine - Kiana Ledé feat. Ant Clemons	♥	**2:31**
MARS - Mario	♥	**3:48**
Abracadabra, Pt. 2 - Wes Nelson	♥	**2:47**
6 months - John K	♥	**3:37**
Make Me Wanna - VEDO	♥	**3:40**
Naked - James Arthur	♥	**3:53**
This City Remix - Sam Fischer feat. Anne-Marie	♥	**3:17**
Comfortable - H.E.R.	♥	**4:15**
Love Like This - Natasha Bedingfield	♥	**3:41**





Prólogo

Isaiah

TRÊS ANOS ANTES

É o pior dia do ano.

O pior dia de *todos* os anos.

Normalmente, passo este dia em viagem com a equipa, numa daquelas excursões da pré-época que servem para criar laços. Devia estar em Cancún ou em Miami, estendido a apanhar sol à beira de uma piscina, com um *cocktail* qualquer na mão, a curtir o ambiente de festa à minha volta.

Mas este ano não há piscina, nem álcool, nem qualquer distração possível. Estou escondido na casa de banho das mulheres, junto ao balneário da equipa. A época começou mais cedo e, pelos vistos, nem mesmo o primeiro dia de basebol é suficiente para me distrair.

A casa de banho das mulheres está impecável, infinitamente mais limpa do que a nossa. Tem um sofá de veludo, pequenos frascos de perfume na bancada, toalhas de mãos dobradas com cuidado e rebuçados de menta numa taça de vidro. Cheira mil vezes melhor do que a dos homens e espero que o resto do pessoal não descubra como isto é agradável, porque este é o meu refúgio secreto há seis anos, ou seja, desde que fui recrutado para jogar na posição de interbase no Windy City Warriors.

Como não há mulheres no *staff*, ninguém usa esta casa de banho a não ser eu, sempre que preciso de uns minutos para mim.

Pode-se dizer que sou o tipo indomável da equipa. Um pouco inconsequente e muito convencido. O tipo que faz piadas sobre si próprio só

para ver toda a gente à sua volta sorrir. Portanto, começar a época com uma crise ou, pior ainda, a chorar à frente dos outros, não combina nada bem com a minha imagem de marca.

Tenho vinte e oito anos e não tenho vergonha de admitir que, mesmo depois de tanto tempo, este dia continua a ser difícil. Tinha treze anos quando o meu irmão, dois anos mais velho do que eu, me deu a notícia de que o carro da nossa mãe tinha batido contra uma árvore durante uma tempestade e que nunca mais voltaríamos a vê-la.

Portanto sim… este é o pior dia do ano.

Com os joelhos trémulos, sento-me na tampa da sanita, no interior de uma das cabines, e tento recompor-me. Tenho de voltar a ser o Isaiah Rhodes despreocupado e meio palhaço, o tipo que faz os outros felizes. É isso que esperam de mim quando eu atravesso a porta do balneário.

Gosto desse papel. Noventa por cento do tempo é mesmo assim que eu *sou*. Descobri muito cedo que conseguia fazer o meu irmão rir mesmo quando ele estava demasiado tenso para sorrir. Eu vivia para isso. Parecia que tinha descoberto o meu propósito. Fazer feliz quem me rodeia. Por isso, guardo os momentos de tristeza só para mim.

Dou-me mais um minuto, lavo o rosto com um pouco de água, no lavatório, e saio da casa de banho das mulheres.

No entanto, mal abro a porta, ouço vozes. Normalmente esta zona do balneário está vazia, por isso, fico parado ao reconhecer a voz do doutor Fredrick. Encosto-me à parede, escondido, a rezar para que ninguém perceba que estive aqui a chorar.

— Mentiste na candidatura.

— Não menti — responde uma voz de mulher.

Ele baixa o tom, para que a conversa se mantenha privada, mas consigo ouvir cada palavra.

— Induziste em erro, e sabes isso.

— Kenny é um diminutivo de Kennedy.

Espio por trás de uma divisória e vejo o doutor Fredrick a olhar de cima a baixo, com um ar aborrecido, para uma mulher.

Não consigo ver bem o rosto dela porque está de costas para mim. Mesmo direita, mal chega ao queixo dele. E ele nem sequer é um

homem alto. Tem o cabelo preso num rabo-de-cavalo espesso, cuja ponta fica a meio das costas. Não sei bem de que cor. Parece um tom diferente, que não é nem aquele loiro banal nem o castanho mais comum.

Ele olha à sua volta para se certificar de que estão sozinhos e volto a esconder-me.

— Este não é o lugar certo para ti. Aconselho-te a recusar a oferta e a arranjar outro emprego mais adequado para… alguém como tu.

— Alguém como eu? Quer dizer, uma mulher?

Mas que raio?

Nunca gostei muito do doutor Fredrick. É o chefe do Departamento de Saúde e Performance e o médico-chefe da equipa. Coordena todos os outros médicos, nutricionistas e fisioterapeutas. E o pouco respeito que eu ainda tinha por ele desaparece totalmente por causa desta insinuação.

O silêncio toma conta do espaço, como se ele estivesse a escolher as palavras para evitar sarilhos.

— A vaga para a qual te contratei já não precisa de ser preenchida. Pelos vistos, não posso retirar a proposta legalmente, mas posso alterá-la. Neste momento, preciso apenas de um preparador físico.

— Desculpe? — Ela ri-se, incrédula. — Eu sou médica. Espera mesmo que eu aceite vir para aqui como preparadora física?

— Espero que não aceites vir para aqui de todo.

— Doutor Fredrick, mudei-me para Chicago por causa deste trabalho. Viu as minhas referências, viu todos os estágios que fiz. Foi por isso que me contratou.

— Eu tinha outra ideia da pessoa que ia contratar.

— Porque pensou que eu era um homem.

— Não vou continuar a ter esta conversa. Se quiseres trabalhar para os Windy City Warriors, será como preparadora física de base. É essa a vaga que tenho neste momento.

Ela hesita. Parece-me que quase a vejo endireitar os ombros quando pergunta, segura de si:

— Quando quer ter a minha resposta?

— Até ao fim do dia.

— Está bem. Dou-lhe a resposta em breve.

Segue-se um silêncio que me faz pensar que a conversa acabou. Mas ele volta a falar:

— Menina Kay, se decidir ficar, esta é a única advertência que lhe faço. Ao mínimo sinal de confusão ou de algum envolvimento com um jogador, está fora daqui. Há um motivo para eu não contratar mulheres. Vai estar em balneários, aviões e hotéis com eles. Espero que se certifique de que não se torna uma distração.

Há um motivo para eu não contratar mulheres. Imbecil de merda.

— Com todo o respeito, doutor Fredrick, nos últimos dois anos fui uma das três médicas responsáveis por todo o programa desportivo da Universidade de Connecticut. Não há nada no meu percurso que possa dar-lhe motivos para duvidar do meu profissionalismo.

— Isso são crianças. Aqui são homens — responde ele. — Acho que sabes muito bem do que estou a falar.

Ela aclara a voz e a verdade é que se percebe bem o tal profissionalismo que ele tanto põe em causa. Até porque, se fosse comigo, já lhe tinha enfiado um murro no queixo.

Sou um pouco mais impulsivo.

— Dou-lhe a resposta até ao meio-dia — diz ela, concluindo a conversa.

Passos ecoam ao longe e vão-se aproximando, ficando mais nítidos a cada passada, na minha direção. Não tenho por onde sair sem ser apanhado a bisbilhotar, e embora tenha obviamente a intenção de contar isto ao Monty, o nosso treinador principal, não pretendo avisar o doutor Fredrick com antecedência.

Por precaução, volto a refugiar-me na casa de banho das mulheres até ter a certeza de que ele está bem longe.

Já não gostava do nosso médico-chefe. Sempre me pareceu um graxista que quer ser amigo dos jogadores à força. Mas ouvi-lo falar com aquela mulher, como se estivesse acima dela, só me deu vontade de contar a toda a organização dos Warriors que ele é um machista de merda.

— Machista de merda.

Ouço a minha própria voz interior devolvida, em voz alta, do outro lado da porta, e fico gelado.

A mulher do corredor empurra a porta e entra na casa de banho onde me escondo, no preciso momento em que me fecho no interior de

uma cabine. Nem me sento. Fico ali, de pé, feito tonto, sem saber como me meti nesta situação.

Espreito pela fresta e vejo-a pelo espelho. Tem as mãos apoiadas no lavatório, a cabeça baixa, ainda sem me mostrar o rosto.

Ri-se sozinha.

— Mas o que é que acabou de acontecer?

Depois respira fundo, endireita-se e encara-se no espelho. De repente, a tristeza que estava a sufocar-me neste dia fica suspensa, porque tudo em mim se distrai com o que vejo.

Esta mulher pequena, com um tom de cabelo impossível de definir e uma voz firme que faria encolher os testículos a qualquer homem, é absolutamente *deslumbrante*.

Tem sardas espalhadas pela pele clara e corada, uns olhos que parecem ser castanhos, como os meus. E uns lábios… uns lábios presos entre os dentes para evitar chorar, porque ela está claramente a tentar transformar a tristeza em raiva.

Pode ser apenas intuição, mas tenho a certeza de que o seu sorriso poderia iluminar-me se não estivesse franzido numa careta.

Os seus olhos começam a ficar húmidos e brilhantes.

— Não — murmura para si mesma. — Aqui, não. Aguenta-te, Kennedy.

Kennedy.

Ela enche o peito de ar e abana a cabeça.

— E, foda-se, para de falar sozinha.

E é assim que, no pior dia do ano, dou por mim a sorrir.

Fico a observá-la enquanto ela pega no telemóvel e faz uma chamada em alta voz, a andar de um lado para o outro, na casa de banho.

Talvez eu deva anunciar que estou aqui. Isto é uma invasão descarada de privacidade, mas como é que lhe explico esta cena?

Olá, estava só aqui parado na casa de banho das mulheres. Não ligues. Vou só lavar as mãos, dás um jeitinho?

Ah, e ouvi a tua conversa com o diretor do Departamento de Saúde e Performance. Se quiseres, vou contigo aos Recursos Humanos. E, já agora, és muito bonita.

— Estou? — diz uma voz masculina do outro lado da linha.

Detesto-o logo.

— Tens um minuto para falar? — pergunta ela. — Preciso mesmo de falar.

— Agora estou a meio das fotografias da equipa e sou o próximo. Está tudo bem?

Ela fecha os olhos um instante, para se recompor.

— Está. Claro que está. Queria só dizer olá ao meu meio-irmão.

Meio-irmão. Registado.

— Então, olá. Tenho saudades tuas. O primeiro dia está a correr bem?

Ela olha para o seu próprio reflexo no espelho e mente:

— Está a correr lindamente.

— Ótimo. Olha, tenho de ir. Liga-me mais logo para pormos a conversa em dia.

Ela sorri para o telefone e é um sorriso que até eu, que não a conheço, consigo ver que é falso.

— Está bem. — Ela desliga e baixa a cabeça, antes de sussurrar: — Foda-se.

Não sei nada sobre esta rapariga, mas sei que precisa que alguém a faça sorrir. E, convenhamos, essa é a minha especialidade. E sim, acredito no destino. Mesmo sendo este o dia de que menos gosto do calendário, gosto de dar significado a certas coisas.

Talvez fosse suposto eu ouvir aquela conversa.

Talvez fosse suposto eu ficar preso nesta casa de banho, porque ela precisa de alguém que a ouça.

Talvez a minha mãe a tenha posto no meu caminho.

E esta última ideia faz-me abrir a boca sem pensar:

— Se precisares de falar com alguém sobre aquela proposta de trabalho, posso ajudar.

Credo, que entrada tão assustadora.

Ela levanta os olhos para o espelho e vê os meus pés.

— O que é que estás a fazer na casa de banho das mulheres?

— Foi o tamanho quarenta e sete do calçado que me denunciou?

— Estás a espiar-me?

— Tecnicamente, eu já cá estava. Lembras-te?

Ela estreita os olhos e levanta o olhar pela porta da cabine até encontrarem o meu na fresta.

— Vais responder a alguma das minhas perguntas ou só sabes devolver com outras?

Deixo escapar uma gargalhada curta. Gosto dela.

— Estou escondido na casa de banho das mulheres porque estou a ter um dia de merda. E, pelo que pude ouvir, tu também.

Os ombros dela, que estavam encostados às orelhas, descaem devagar.

— Ah.

Destranco a porta e abro-a até ela conseguir ver-me por inteiro.

Tem *leggings* pretas justas. Uma camisola de treino cinzento-escura, arregaçada nos cotovelos. Ténis brancos impecáveis. As suas sardas chegam aos braços e tornozelos, como se a sua pele clara tivesse sido salpicada de tinta.

Composta, mesmo com roupa desportiva. E bonita. Tão, tão bonita.

Num tom de voz já menos duro, pergunta:

— O que é que ouviste da merda de dia que estou a ter?

Encostado à bancada, de frente para ela, acabo por dizer:

— Ouvi a conversa com o doutor Fredrick no corredor. E voltei a entrar aqui para ele não me ver.

— Ah. — Acena, antes de desviar o olhar de mim. — Ou seja, ouviste tudo.

— Temos de falar com os Recursos Humanos. Ou então eu falo com o treinador principal, o Monty. Ele pode levar isto diretamente ao proprietário do clube…

— Não. Não quero dizer nada. Não é a primeira vez que tenho de lidar com um chefe machista. Sou uma mulher que trabalha na área desportiva, afinal de contas.

Faço uma pausa.

— Chefe? Então, vais aceitar o emprego?

— Eu não… — interrompe-se. Fica imóvel, e olha para mim de alto a baixo. Tenho mais de um metro e noventa, mas com roupa normal não me destaco assim tanto. — Quem és tu?

É então que percebo que ela não faz ideia de que sou o interbase titular na equipa para a qual poderá vir a trabalhar. E tenciono usar isso a meu favor.

— Neste momento, sou apenas alguém disposto a ouvir. Disseste que estavas a precisar de falar.

O olhar dela contém uma pergunta desconfiada, como se estivesse a tentar perceber quem sou, mas a necessidade de desabafar pesa mais do que quaisquer dúvidas que tenha em relação a mim.

— Não consigo arranjar trabalho em lado nenhum, no desporto profissional. — A confissão fica a pairar no ar. — Não interessa ter-me formado na Universidade de Columbia, sendo uma das melhores da turma. Não interessa que os médicos com quem trabalhei no início da minha carreira me elogiem sempre que lhes são pedidas referências. Não interessa ter sido a pessoa mais nova a chegar a médica principal numa universidade de topo, com equipas campeãs nacionais. Nada disso interessa, porque tenho duas mamas e uma vagina.

Arregalo os olhos perante tanta frontalidade.

— Meu Deus. — Ela faz uma careta e leva a mão ao rosto. — Não acredito que acabei de dizer a um estranho que tenho duas mamas.

— Ficaria mais impressionado se dissesses que tinhas três.

Espreita-me por entre os dedos e não consigo evitar um sorriso malandro. Os seus olhos, ainda há pouco turvos de emoção, voltam a acender-se assim que ela baixa a mão, revelando um sorriso ainda hesitante.

Hesitante, é verdade. Mas um sorriso.

Estendo-lhe a mão.

— Isaiah.

Ela aperta-ma.

— Kennedy.

— Então, Kennedy, agora que já não sou um estranho, conta-me mais sobre as tuas duas mamas.

Ela tenta conter-se, mas o seu sorriso é agora amplo e verdadeiro, apesar do embaraço.

— Vou ter de ouvir isso o resto da vida, não vou?

— Podes crer. — Inclino a cabeça para o lado. — Pensei que o teu nome era Kenny?

Ela ri-se, num tom agradável de se ouvir, mas um pouco envergonhado.

— Nunca ninguém me chamou Kenny. Passei a usar esse nome depois de ter recebido seis cartas de recusa por ter assinado como Kennedy.

— Muito bem, Kenny.

— Não…

— Conta-me tudo sobre a proposta.

Ela solta um suspiro, cansada.

— Estou a tentar entrar para a área do desporto profissional desde que concluí o internato. O meu objetivo é, um dia, ser médica-chefe de uma equipa, mas não consigo sequer meter um pé na porta. Colegas meus da faculdade, que mal se licenciaram e têm referências bem piores do que as minhas, estão a ficar com os lugares para os quais eu concorro. Por isso, quando surgiu a oportunidade de vir para aqui como médica secundária, agarrei-a sem hesitar. Fiz as malas e mudei-me este fim de semana para um prédio no centro de Chicago. Eu e o doutor Fredrick só trocámos *e-mails*, porque ele esteve de folga na pré-época. Pelas referências, não deve ter percebido que eu era mulher, não sei. No entanto, esta manhã, quando vim apresentar-me, ele retirou a proposta no mesmo instante.

Portanto, além de bonita, ela é inteligente. Fica registado.

— Quando disse à chefe dos Recursos Humanos que tinha havido um engano e que afinal a vaga já não existia, ela informou-o de que, legalmente, ele tinha de me contratar de alguma forma. Duvido que os Recursos Humanos saibam que a decisão de ele já não querer um médico teve tudo que ver com o facto de ter contratado, por engano, uma mulher.

As palavras saem da sua boca em catadupa, incontroláveis:

— E agora ofereceu-me o lugar de preparadora física de base. Não me interpretes mal, é um bom trabalho, mas não passei todos estes anos a estudar para ser médica especializada em medicina desportiva para ter de ir pedir a outra pessoa que faça os planos de tratamento, percebes? — Ela olha para mim de alto a baixo. — E por que raio é que estou a contar-te tudo isto?

Dou uma gargalhada. Está atrapalhada, o que, nela, tem muita graça.

— Porque sou um bom ouvinte.

O seu sorriso hesitante volta a surgir.

— Então, o que é que achas que devo fazer?

Está a pedir-*me* uma opinião? Claramente não me conhece. Normalmente, sou a última pessoa a quem pedem conselhos. Só recorrem a mim quando precisam de se rir ou de se distrair.

O meu irmão é que é a pessoa séria. Se o Kai estivesse aqui em vez de estar em Seattle a jogar pelos Saints, eu é que *lhe* pediria conselhos para dar a esta rapariga. Ele é o meu porto seguro e tenho muitas saudades dele.

No entanto, ele não está aqui, por isso vou ter de ser eu a responder.

Pessoalmente, acho que ela devia ir ter com ele e dar-lhe um valente pontapé nos tomates. Porém, também gosto bastante da ideia de vê-la a trabalhar aqui. Gosto da ideia de aquele rosto cheio de sardas estar presente em todos os meus jogos.

Falar com ela é fácil e ela conseguiu tornar suportável o meu pior dia do ano. Diria mesmo que o tornou bom.

— O que é que tu queres fazer? — pergunto-lhe, em vez de lhe dar uma opinião.

— Gostas mesmo de responder a perguntas com perguntas, não é? — comenta, a sorrir de lado.

Limito-me a devolver-lhe o sorriso.

— Quero trabalhar no desporto profissional — responde, sem rodeios. — Raramente surgem oportunidades, porque quem consegue entrar acaba por ficar a vida toda.

— Queres trabalhar no desporto profissional — repito, para que ela ouça bem as próprias palavras.

Ela anui, como se lhe caísse a ficha.

— Tenho de aceitar. Pelo menos assim enfio um pé pela porta. Mas, porra, o doutor Fredrick é horrível e, se ele trata as mulheres assim, nem quero imaginar como serão os jogadores da equipa.

Ui. Essa doeu.

Sim, somos uns parvos, mas nenhum de nós é desrespeitador.

— Eu vou… — aclaro a garganta. — Vou garantir que nenhum dos outros te irrita.

Ela franze a testa, confusa, mas mantém o sorriso bonito nos lábios, o que mexe muito comigo.

— Quem és tu?

— Duas mamas e uma memória curta, não é, Kenny? Já te disse o meu nome.

— Trabalhas na administração? Ou para…

— Acho que devia ir andando — digo, apontando para a porta da casa de banho. — Posso acompanhar-te?

Fixa-me com um olhar desconfiado, e tudo o que faço é sorrir como um idiota, por ter a atenção desta miúda inteligente.

Não sou ingénuo. Sei que mais cedo ou mais tarde ela vai descobrir que sou jogador da equipa e, se o aviso do doutor Fredrick for uma referência, assim que souber quem sou não me vai dar a mínima hipótese. Por isso, aproveito cada segundo, enquanto posso.

Abro a porta, fico a segurá-la e, sem precisar de baixar a cabeça, ela passa por baixo do meu braço para o corredor.

— Não podes contar a ninguém — declara, de repente.

— Contar o quê?

— Se eu aceitar o lugar. Não podes contar a ninguém o que o doutor Fredrick disse, nem as minhas qualificações.

— És provavelmente a primeira médica que conheço que não quer que toda a gente saiba que é médica.

— Isaiah, por favor.

Estas três palavrinhas fazem-me parar.

O meu nome. Ela soa bem a dizer o meu nome.

E, pelos vistos, quando suplica soa ainda melhor.

Vejo o desespero no seu rosto.

— Não vou dizer nada.

— Nem sobre o que ouviste?

— Estás a falar da parte em que descobri que o Doutor Cabrão odeia mulheres?

— Sim, essa parte.

— Não, dessa parte vou falar. E é já.

Ela agarra-me pelo braço para me travar, com a mão pálida e cheia de sardas a contrastar com a minha pele marcada pelo sol de todo o tempo que passo no relvado. Mas, antes de eu conseguir ver bem as diferenças, ela retira a mão rapidamente.

— Se eu for trabalhar para ele, já vai ser difícil que chegue. Não posso começar logo com uma queixa ao treinador principal ou ao dono da equipa. Eu trato disto sozinha.

Independência e determinação irradiam dela. Ela é baixa, deve ter um metro e sessenta, mas a sua postura, com os ombros direitos e erguidos, dá-lhe altura. Dá-lhe presença.

Ainda bem. Vai precisar dessa força para suportar aquele monte de merda.

— *Quando* — corrijo. — *Quando* fores trabalhar para ele.

Sorrio e ela sorri de volta, cúmplice. É como se guardássemos um segredo só nosso.

— Vou voltar a ver-te por aí? — pergunta.

— Tenho quase a certeza de que me vais ver mais vezes do que gostarias.

— Rhodes! — O Cody, o nosso primeira-base, aparece a correr na curva do corredor e dá comigo em frente à casa de banho das mulheres. Está equipado, pronto para a sessão fotográfica da equipa. — Finalmente! 'Bora lá! As fotos são daqui a cinco minutos e o teu equipamento está no cacifo. O Monty mandou-me vir chamar-te.

Quando acaba de dizer isto, volta a correr para o balneário.

Viro-me lentamente para a Kennedy, com o sorriso mais inocente que consigo nos lábios. A sua pele já clara empalidece ainda mais.

— És jogador?

— Interbase. — Pisco-lhe o olho.

Qualquer vestígio de sorriso desaparece do seu rosto e a sua postura muda por completo. Sinto, quase fisicamente, um ar gelado instalar-se entre nós. Ela está em choque. Confusa. E um pouco zangada.

— Esta conversa nunca aconteceu — declara. E não hesita em afastar-se com passos rápidos, talvez com o aviso do doutor Fredrick a ecoar-lhe na cabeça.

— Ei, Kenny! — chamo, e ela para, mesmo contrariada, antes de se voltar para mim. — Prometi que não deixava que os outros tipos te irritassem, mas nunca disse que isso me incluía. — Ela entreabre os lábios e remato com mais uma piscadela atrevida: — Até logo, Doutora.



— Onde é que estiveste? — pergunta o Travis, o nosso recetor novato, quando tiro a *T-shirt* e baixo as calças para vestir o uniforme, como os outros.

O cacifo dele fica do lado esquerdo do meu. O do Cody está do lado direito.

— Estive ocupado.

Na parte de cima do cacifo, colada por dentro, há uma fotografia de mim com a minha mãe e o meu irmão. Passo o polegar por cima dela quando pouso o relógio na prateleira.

— Pois — suspira o Cody, rindo-se e apontando para o outro lado do balneário. — Ocupado com ela.

De *boxers*, viro-me na direção dele e vejo a Kennedy a falar com o doutor Fredrick. Noto que ele tem o maxilar contraído e as narinas dilatadas, e sei exatamente o momento em que ela lhe diz que decidiu aceitar o trabalho.

O Travis assobia baixinho.

— Bonita.

— E inteligente também — acrescento, sem lhes contar nada do que sei, porque ela me pediu que não o fizesse. Gosto de saber coisas que mais ninguém sabe sobre a nova preparadora física. — De que cor é que vocês diriam que é o cabelo dela?

— Ruivo — responde logo o Travis.

— Vá lá, Trav. Já te disse, com ele tens de ser mais específico. — O Cody olha melhor para ela. — Eu diria que é acobreado. Tem um tom quente avermelhado misturado com um castanho-terra, mas também há ali reflexos de cobre.

— Tipo uma moeda de um cêntimo ?

— Precisamente.

É por isto que lhe pergunto estas coisas. Ele sabe que dou valor aos pormenores.

Com o olhar pregado nela, do outro lado da sala, vejo-a dar por mim precisamente quando o Fredrick está a dizer-lhe seja lá o que

for. O seu olhar começa nos meus pés e sobe devagar pelas minhas pernas, demora-se nos *boxers* e percorre o meu tronco nu com calma. Mas quando chega ao rosto, eu sorrio-lhe com a maior arrogância possível, para que ela perceba que vi tudo.

Ela desvia o olhar rapidamente e não consigo evitar um sorriso.

O Travis dá-me toques com o ombro.

— Então, quem é ela?

Neste dia, em que tudo parece um sinal, não hesito em responder:

— A minha futura mulher.

Os dois soltam uma gargalhada, mas eu não tiro os olhos da única mulher em todo o edifício.

A Kennedy apanha uma madeixa solta de cabelo acobreado e prende-a atrás da orelha. É então que vejo uma aliança impossível de não reparar, a brilhar no anelar da mão esquerda. Como é que não notei antes?

— Lamento, pá — diz o Cody, ainda a rir-se, enquanto me dá uma palmada no ombro. — Mas alguém chegou primeiro.

E, num instante, o pior dia do ano volta a ser exatamente isso.



Isaiah

— Aqui estão os meus rapazes. — Passo os braços por cima dos ombros do Cody e do Travis quando os encontro no piso do casino do hotel. — Onde vamos?

— Até que enfim, Rhodes. — O Travis, o nosso recetor, encolhe-se para se libertar de mim. — És a pessoa que conheço que demora mais tempo a arranjar-se e as tuas meias continuam a não combinar uma com a outra.

Olho para os meus pés, onde as calças acabam, mesmo junto aos tornozelos.

— Para mim, combinam.

— Temos uma mesa reservada no clube do Caesars Palace, com garrafas à nossa espera. — O Cody aponta na direção da avenida principal de Las Vegas, a famosa Strip. — 'Bora lá.

O nosso primeira-base segue na frente, num passo rápido e entusiasmado. O resto da equipa segue-o e vou atrás deles.

Estamos em Las Vegas há alguns dias e esta é a última noite. Todos os anos, antes do arranque da época, fazemos uma viagem de pré-época, que dizemos servir para criar laços entre a equipa, e que é simplesmente uma desculpa para estarmos juntos. Normalmente, escolhemos um destino quente e tropical, que é uma espécie de recompensa depois do inverno de Chicago. Vegas não está propriamente quente nesta altura, mas os clubes apinhados e o álcool caro resolvem bem a questão.

Não que tenhamos de pagar grande coisa. Fazer parte de uma equipa profissional de basebol tem muitas vantagens: mesas reservadas, bebida à discrição, tudo de graça.

Há dois anos, o meu irmão mais velho, o Kai, veio para os Windy City Warriors, e começámos finalmente a jogar na mesma equipa. Ele não está connosco nesta viagem porque preferiu ficar em Chicago com o filho e a futura noiva. No entanto, tenho o resto do grupo por perto e, tirando o tempo que passo com a família, nada me dá mais gozo do que estar com os meus amigos e beber uns copos.

— É hoje? — O Travis abranda o passo para caminhar ao meu lado.

— É hoje o quê?

— A noite em que vais falar com alguém que não é da equipa, do clube?

— Não estou a ver para quê. Isto é uma viagem para criar laços com a equipa. Estou a criar laços com a equipa.

— Pois, mas nós também estamos e tu és o único que tem ido sozinho para casa todas as noites.

— Não me apetece. — Encolho de ombros. — E não é bem assim. O Lautner, o *rookie* de Oregon, também ainda não levou ninguém. Esse miúdo não tem mesmo jogo de sedução.

— Mas quem és tu e o que fizeste ao Isaiah Rhodes? Desde quando é que não tens interesse em ninguém? E quando é que deixaste de ser a alma da festa? Lembras-te de Miami, no ano passado? Tivemos de prometer dois bilhetes por baixo da mesa a um polícia, só para ele não te prender. Começaste a despir-te ali mesmo, em plena Ocean Drive.

— Estávamos na Florida. Estava calor. E continuo a ser a alma da festa. Só não prolongo a festa depois de sair do bar.

O Travis olha para mim de lado, com uma expressão que diz tudo. Ele sabe exatamente qual é o meu motivo.

Na verdade, toda a equipa sabe.

Há apenas uma mulher que alguma vez me interessou. E agora que ela já não usa um anel de noivado, não tenho vontade de perder tempo com mais ninguém.

Eles sempre me aconselharam a largar essa ideia maluca, porque na cabeça deles nunca vai acontecer. Acham que a única mulher na nossa equipa técnica nunca se envolveria com um jogador, muito menos comigo. É verdade que passo a vida a implicar com ela, mais do que

com os outros elementos da equipa todos juntos, mas faço-o porque lhe prometi que ia fazê-lo.

E cumpro sempre as minhas promessas.

Quando chegamos ao hotel seguinte, a fila para entrar no clube parece não ter fim. Dá voltas e mais voltas, com corpos colados uns aos outros na ânsia de entrarem mais depressa. Felizmente, o Cody recebe uma chamada a dizer para usarmos a entrada das traseiras. Assim, passamos à frente de toda a gente.

Ao passarmos pela fila, sinto uma mão agarrar-me pelo bíceps.

— Ei, eu conheço-te — diz uma voz feminina. — Tu jogas basebol no Chicago. Número dezanove.

Sigo o toque dela e vejo uma mulher de cabelo claro e maquilhagem brilhante.

— Sou eu.

A mão dela desliza pelo meu braço.

— Rhodes, não é?

— Há dois Rhodes a jogar no Chicago, mas sim, sou o Isaiah. — Estendo-lhe a mão para que ela a aperte, de forma a fazê-la parar de me tocar.

— Bridget. Então, o que é que te traz a Vegas?

— Viagem de equipa. — Aponto para os rapazes que ficaram parados à minha volta.

O olhar dela ilumina-se e, com um gesto, indica o pequeno grupo de amigas ao seu lado.

— Nós viemos para o meu aniversário.

— Então, parabéns. — Pisco-lhe o olho, porque os velhos hábitos demoram a desaparecer e sou um idiota, e ela interpreta isso como interesse da minha parte, a avaliar pelo sorriso enviesado que surge nos seus lábios.

— Têm mesa? Adorávamos juntar-nos a vocês.

— Temos, sim. — Tento usar um tom meio desanimado, para não ferir suscetibilidades. — Mas hoje é uma noite só de rapazes.

— Não é nada só de rapazes — resmunga o Cody, lá atrás.

— Tu entendes, certo? — continuo como se ninguém o tivesse ouvido.

— Claro. — Os olhos da Bridget vacilam por um instante, e penso que é mais por vergonha do que por desilusão.

— Mas olha — apresso-me a acrescentar —, procura-nos lá dentro e ponho todas as tuas bebidas na minha conta. Não se deve deixar uma aniversariante pagar os próprios copos, pois não?

Ela endireita os ombros, com uma certa confiança a regressar ao seu olhar.

— Não, claro que não.

— Diverte-te e parabéns, Bridget.

Ela caminha de forma provocadora.

— Obrigada, Isaiah. Vejo-te lá dentro.

De mãos nos bolsos, sigo em frente até à porta de serviço como se nada de especial tivesse acontecido. Porque, na verdade, nada de especial *aconteceu*.

— Primeiro ponto — começa o Cody, enquanto caminha ao meu lado. — Como é que consegues rejeitar uma miúda e ainda deixá-la a babar-se por ti? Estou a precisar de um pouco desse charme à Isaiah Rhodes.

Reviro os olhos.

— Tu engatas mais gente do que eu alguma vez engatei.

— Ela era bonita, já agora.

— Então vai atrás dela.

— Se calhar, vou mesmo.

— Segundo ponto — interrompe o Travis —, és um idiota. Pelo amor de Deus, para lá com isso. Ó Cody, diz-me uma coisa, se um tipo não usa a pila durante muito tempo, ela cai? E o Isaiah vai morrer como virgem renascido?

— Não sei dizer, uso bastante a minha. — O Cody fica imóvel. — Espera… virgem renascido? Ainda? Aquilo tudo foi por causa da Kennedy, não foi?

— Vocês os dois, podem ir-se foder.

O Travis começa a rir-se sozinho.

— Isaiah, tens mesmo de parar com isso. Já lá vão três anos.

— Não foram três anos.

— Andas a olhar para aquela rapariga desde o dia em que ela pôs os pés no balneário.

— Sim, mas só percebi que ela estava solteira há oito meses. Portanto, *tecnicamente*, isto só começou a contar de há oito meses para cá.

— Uau. — O Cody abana a cabeça. — O Trav tem razão. És mesmo um idiota.

Dou-lhe uma palmada na nuca.

— Lembram-se de ontem, quando já íamos na quarta bebida e eu disse que vocês eram os meus melhores amigos?

— Sim?

— Retiro o que disse. São uma bela merda.

O segurança abre-nos a porta das traseiras e faz um sinal ao Cody para avançarmos, e ficamos os três no fim do grupo.

— Estamos só a zelar por ti — diz o Cody, antes de passar um braço pelos meus ombros. — Andas a tentar há anos e olha só os resultados que isso tem dado.

Eu não ando a «tentar». Sim, passei três anos a provocá-la, mas nunca foi a sério. Ela tinha um noivo. Mas agora… agora não tem. Agora é mesmo a sério, no entanto ela acha que eu ainda estou a brincar.

Posso até ser um pouco ridículo, ou mesmo supersticioso, porém no dia em que a conheci, há três anos, senti que foi coisa do destino. Aquele dia, que costuma ser o pior do ano para mim, teve finalmente um raio de luz.

E, daqui a minutos, quando o calendário assinalar a mesma data, terão passado dezoito anos desde que perdi a minha mãe e só houve uma vez em que realmente sorri nesse dia. Foi na manhã em que a Kennedy Kay entrou na casa de banho das mulheres e, a partir daí, na minha vida.

Avanço, a falar mais alto para ultrapassar o barulho ensurdecedor da música, enquanto seguimos para dentro.

— Vocês não acreditam no destino?

— Por amor de Deus, Rhodes. — O Travis abana a cabeça. — Gritaste mesmo «Vocês não acreditam no destino?» E no meio de uma discoteca? Faz-nos um favor e vai foder com alguém.

O Cody ri-se, enquanto o segurança fecha a porta atrás de nós.

— Só vou começar a acreditar no destino no dia em que a Kennedy decidir, de livre vontade, passar tempo contigo fora do trabalho.

O Travis acrescenta:

— Esquece lá isso de passar tempo com ele. Nesta altura, já considero destino se a Kennedy lhe dirigir uma palavra fora do trabalho.

A andar de costas, virado para eles, sigo o resto do grupo para a nossa mesa reservada.

— Vocês não têm fé nenhuma. Um dia vão ver. — Abro os braços. — Está escrito!

Sem olhar por onde caminho, dou um encontrão em alguém e acabo por pisar-lhe o pé. Perco o equilíbrio, mas endireito-me rapidamente. Mesmo por cima da batida da música, ouço um gemido baixo de dor.

— Merda. — Viro-me e seguro-a pelos braços, impedindo-a de cair. — Desculpa! A sério, não estava a ver por onde ia.

— Isso é óbvio.

Tem o rosto tapado pelo cabelo e apoia-se num único salto, a coxear por causa do pé magoado.

Aquele cabelo.

Mesmo na penumbra do clube, reconheço aquela cor. É um tom que conheço de cor. *Acobreado*, como o Cody me ensinou a dizer.

Acobreado à Kennedy Kay, como lhe chamo agora.

— Kenny?

Vejo o seu corpo a ficar rígido antes de os seus olhos castanhos subirem devagar até mim.

— Isaiah?

— Olá.

O seu choque não chega para me impedir de percorrer com os olhos todo o comprimento do seu corpo.

Meu Deus, está magnífica. Raramente a vejo sem o equipamento desportivo. Está quase sempre com o polo dos Warriors e *leggings* pretas. Mas, hoje, ela tem o cabelo solto e impecável, e os braços e pernas cheios de sardas ficam à mostra num vestido branco curtíssimo e uns saltos altos a condizer.

Está tão, tão bonita. O seu vestido parece caro, impecável, feito à medida para lhe assentar na perfeição.

— Isaiah.

— Sim?

— Perguntei-te o que estás aqui a fazer.

Olho de imediato para o pé que pisei. A Kennedy ainda está a evitar apoiá-lo no chão. Tem dores, claramente. Baixo-me para o ver, mas travo a tempo: inspecionar pés numa discoteca é simplesmente estranho, por mais interessado que eu esteja na dona deles.

— O teu pé está bem? Posso ir buscar gelo ao bar.

— Está bem. Dói mais andar de saltos do que levar com noventa quilos de músculo em cima.

Levanto os cantos dos lábios, a sorrir.

— Sabes as minhas estatísticas físicas, Ken? Bom, sempre soube que és obcecada por mim.

— Não te estiques, Rhodes. É literalmente o meu trabalho saber as tuas estatísticas. O que estás a fazer aqui?

— Viagem de equipa. Ou melhor, de pré-época e pós-treinos de primavera. — Aponto para os meus colegas, que estão a ser encaminhados para a zona reservada do clube. O Cody e o Travis acenam-lhe ao longe.

Mesmo com pouca luz, consigo ver perfeitamente o Travis a abanar a cabeça, incrédulo, e o Cody a articular um *não pode ser*.

— Ah — diz a Kennedy, ao perceber o que se está a passar. — Então estão cá todos.

— Todos, menos o Kai. Ficou em casa com o Max e a Miller. — Faço-lhe um gesto para vir comigo. — Devias vir passar um tempo connosco.

— Parece-me que hoje é uma noite de rapazes.

— Isto está longe de ser uma noite de rapazes.

A Kennedy lança um olhar rápido para a nossa mesa, e há um brilho nostálgico nos seus olhos, quase como se, por um instante, tivesse mesmo vontade de se sentar connosco. Tão diferente das recusas imediatas que recebo sempre que a convido para qualquer coisa fora do trabalho.

— Não posso. — Aponta com o polegar por cima do ombro para um grupo de raparigas todas vestidas de branco, menos uma, que tem um vestido prateado que mais parece um farol. — Estou numa despedida de solteira.

A rapariga dos brilhos ostenta um véu de disfarce e uma faixa atravessada no peito a dizer *Futura Senhora Danforth*, e tira fotografias com todas as amigas à sua volta.

Todas menos com a Kennedy.

— Estava só a ir ao bar buscar outra garrafa de champanhe para elas — acrescenta.

As luzes intermitentes da pista iluminam a discoteca, e consigo ver a fila interminável junto ao balcão.

— Não têm serviço de mesa? Aquela fila vai demorar uma hora.

— Era isso mesmo que eu queria.

Franzo a testa, confuso.

— Vem até ao nosso espaço. Eu trato das bebidas por ti.

— Isaiah… — suspira. — Sabes bem que não posso. Trabalho para a equipa.

— E és a única pessoa do *staff* que acha que não pode conviver connosco. Não há nenhuma regra que nos impeça de ser amigos.

— Para mim é diferente, e tu sabes isso.

Por mais que me custe, sei que ela tem razão. Nenhum dos rapazes olharia para ela de forma diferente, se ela viesse beber uns copos connosco. Continuaria a ser a melhor preparadora física da equipa e eu continuaria a ser o único a saber que isso acontece porque ela está muitíssimo acima do cargo que ocupa.

Mas ela trabalha diretamente para um chefe obcecado em arranjar um pretexto para a despedir. E bastaria uma fotografia dela connosco em Las Vegas para que ele pudesse inventar uma história qualquer.

Ao contrário dos homens do *staff*, a Kennedy tem de traçar o limite do que é profissional a vermelho vivo.

A multidão pressiona por todos os lados, e ela inclina-se na minha direção, a tentar fugir dos apertos. Olha rapidamente para a sua mesa e dá um passo na minha direção.

É a coisa mais estranha que já fez.

E o facto de eu não ser, pela primeira vez, a última pessoa no mundo com quem ela quer estar, deixa-me surpreendido e inquieto.

— Kenny, está tudo bem?

— Sim. Está só um pouco abafado aqui.

— E é por isso que estás a enroscar-te em mim, no meio de uma discoteca? Se quiseres, podemos ir para o meu quarto. — Baixo o tom de voz junto ao ouvido dela. — Adoro enroscar-me no fim.

— Cala-te. — O seu tom de voz não é duro e nem sequer tenta afastar-se.

— Ken, com quem é que vieste?

Sem olhar, ela aponta para a mais alta, a do vestido prateado.

— É a despedida de solteira da minha meia-irmã.

— E vocês as duas não se entendem bem?

— É complicado. — Ela engole em seco. — Podes ficar aqui comigo só um pouco? Preciso de respirar antes de voltar.

É isto que ninguém vê. É isto que me faz não desistir dela. A Kennedy sente-se à vontade comigo. Pode fingir que me detesta, e eu posso passar a vida a provocá-la de propósito, mas há momentos como este em que eu sou a pessoa que ela procura. Desde aquele encontro na casa de banho que há uma espécie de entendimento implícito entre nós. Talvez seja porque guardei um segredo dela e nunca o contei a ninguém. Seja o que for, no fundo, a Kennedy confia em mim.

Olho para a nossa mesa. O Cody faz-me sinal para ir ter com eles, mas quando volto a olhar para a minha preparadora física preferida, encolhida junto a mim no meio da multidão, não é a mulher segura no seu trabalho que está ali. Apenas alguém que se sente desconfortável. E isso irrita-me.

Inclino-me aproximando-me do ouvido dela e, pela milésima vez em oito meses, arrisco tudo:

— Queres sair daqui?

Ela levanta os olhos castanhos e fixa-os nos meus.

— Por favor.

Tenho a certeza de que o meu coração falha uma batida. Nunca, nem nos meus melhores sonhos, pensei que esta noite a Kennedy Kay fosse aceitar passar tempo comigo.

Já passou da meia-noite e começou aquele que, para mim, é sempre o pior dia do ano. Prefiro acreditar que isto é um sinal.

A meia-irmã dela e as amigas estão agora cercadas por um cortejo de raparigas a levar garrafas de champanhe com luzes a crepitar.

— Vamos — digo, pousando a mão na base das suas costas, para a guiar até à saída.

Ela assusta-se com o primeiro toque, mas, depois, deixa-se levar.

Lá fora, tiro o telemóvel para escrever aos meus dois melhores amigos e percebo que já tenho mensagens à minha espera.

Cody: *Incrível.*

Travis: *Não acredito que a nossa Kennedy está aqui.*

Eu: *A MINHA Kennedy. E estamos a sair.*

Travis: *Quanto tempo?*

Eu: *Não volto.*

Cody: *Cala-te.*

Eu: *Vemo-nos amanhã, no aeroporto.*

Cody: *Parece que passei para outra dimensão.*

Travis: *Isaiah de um raio Rhodes. O que aconteceu à "noite de rapazes" na qual tu insististe tanto?*

Eu: *Aconteceu o destino.*



2 Kennedy

Se há um ano me dissessem que ia caminhar pela Strip de Las Vegas ao lado do Isaiah Rhodes, logo ele, diria que estavam completamente doidos.

E se me dissessem que viria a Vegas por causa da despedida de solteira da minha meia-irmã, iria rir-me à gargalhada à frente de quem me dissesse tal coisa.

E se me dissessem que o homem com quem ela se vai casar é o meu ex-noivo, talvez mandasse internar quem o tivesse dito.

É que durante toda a minha vida adulta eu e o Connor Danforth estivemos convencidíssimos de que iríamos casar um com o outro.

Porque eu e a minha meia-irmã nunca tivemos qualquer proximidade, muito menos ao ponto de convidarmos a outra para um evento pessoal.

E a maior parte do tempo, não suporto o Isaiah Rhodes.

No entanto, aqui estou eu, com estas três verdades a atropelar a minha vida.

O Isaiah fecha a porta das traseiras do clube quando saímos. A batida ensurdecedora transforma-se numa vibração distante e, de repente, a ansiedade que eu estava a sentir a aumentar cada vez mais, quando ainda estava lá dentro, começa a aliviar.

O que é que estou a fazer, ao aceitar sair com ele? A verdade é simples: eu estava desesperada por sair dali. E, por mais que nunca o admita em voz alta, entre mim e o Isaiah existe uma espécie de entendimento implícito que mais ninguém conhece.

Mas ele é descontraído, convencido e, por vezes, parece um miúdo. E isso tira-me do sério. Sou demasiado controladora para alguém como ele e, assim que o ar fresco do Nevada toca no meu rosto, parece que a neblina no meu cérebro desaparece e me lembro disso.

— Estou num hotel a dois quarteirões. Vou aproveitar para ir descansar. — Levanto o braço para chamar um táxi, mas ele agarra a minha mão e baixa-a.

— Um copo, Ken.

— Não.

Ele abana a cabeça devagar.

— Vá lá, tenta outra vez. Foi muito melhor quando, lá dentro, me olhaste com esses olhinhos de veado e sussurraste «por favor».

— Está bem. *Por favor*, cala-te. Estás a ser insuportável.

Surge um sorriso de lado.

— Para de me seduzir, Kenny.

— Vou voltar para o hotel. — Arranco na direção que queria, mas por causa dos meus saltos altos e das minhas pernas curtas ele alcança-me num instante, e põe-se a andar de costas, para eu ter de lhe dar atenção.

Por muito que me custe admitir, o Isaiah Rhodes é bastante atraente. Reparei nisso logo no primeiro dia em que comecei a trabalhar para os Windy City Warriors, quando ainda pensava que ele era só um tipo simpático disposto a ouvir os meus problemas relativos ao contrato e não um dos jogadores da equipa.

Hoje está todo vestido de preto, da cabeça aos pés, e isso é estranho porque ele costuma vestir-se como se fosse um daqueles quadros com cores desalinhadas.

O seu cabelo castanho-claro parece cuidadosamente penteado, mas aposto que só precisou de lhe passar a mão para ficar assim. O raio do homem tem um bom cabelo.

E um corpo e um rosto que sabem muito bem o que valem.

— Então, o que se passa entre ti e a tua meia-irmã? — pergunta ele.

— Estou demasiado sóbria para falar disso.

Ele sorri com aquele ar malandro e o pequeno sinal de nascença que tem por baixo do seu olho direito chama-me a atenção para o brilho trocista que tem no olhar.

— Isso resolve-se.

Paro a meio da Strip.

— Isaiah, tenho frio, os meus pés estão a matar-me, este fim de semana foi uma desgraça. Só quero ir dormir e voltar para Chicago amanhã.

— Um copo, Kennedy. Consegui apanhar-te fora do trabalho pela primeira vez. Um copo e prometo que te levo de volta ao hotel.

Nunca bebi nada com um jogador da equipa. Nunca estive com nenhum deles fora do trabalho, se não contarmos aquela noite inocente em que acabei a dormir na casa do irmão do Isaiah porque tinha bebido demais com a namorada do Kai e não podia conduzir.

O Isaiah já me convidou dezenas de vezes, e eu recusei sempre. Mas hoje estou desesperada e inquieta. Hoje, pela primeira vez na vida, sinto-me imprudente.

Não devia estar nesta cidade, nem devia estar na despedida de solteira da mulher que vai casar com o meu ex-noivo. Por isso, que se lixe. Um copo não vai mudar nada.

— Pagas tu.

O sorriso dele ilumina todo o seu rosto.

— Com todo o gosto. Mas primeiro… — ele olha à sua volta. — Vem comigo.

Estende-me o braço, mas eu cruzo os meus à frente do peito, tentando manter algum calor. Ele ri-se baixinho, enfia as mãos nos bolsos e faz-me sinal para o seguir.

— Esqueceste-te de que os meus pés estão a matar-me? Estou com saltos de dez centímetros, Rhodes.

— Eu sei. Quase à altura do meu peito.

— Que engraçadinho — respondo, de forma brusca, acelerando o passo para conseguir acompanhar duas passadas dele com quatro minhas. — E o meu hotel fica daquele lado. Não queres começar a caminhar naquele sentido? Paramos num sítio qualquer e tomamos um copo rápido.

Ele para mesmo no meio da rua, e quase vou contra ele. Depois, vira-se para mim. A luz fica verde e os carros começam a alinhar-se para passar.

— Kenny, tens de aprender a ir com a maré. Acabei de deixar os meus colegas e acredita que estou contente por estar exatamente onde estou, mas esta noite as regras são minhas. E eu nunca disse que este copo ia ser rápido.

Um carro buzina atrás de nós, mas ele não se mexe.

— Temos de sair daqui.

— Não saio.

Solto um suspiro e uma madeixa de cabelo voa para o meu rosto.

— Eu não sei ir com a maré.

— Pois não. Por isso é que só te peço esta noite. Deixa-me ensinar-te. Confia em mim. À minha maneira, a vida é muito mais divertida.

A buzina volta a soar, desta vez mais tempo.

— Só disse que aceitava um copo.

— Nunca disseste em quanto tempo é que eu tinha de beber. Pode levar-me a noite inteira.

— Podemos sair da estrada, por favor? Ainda vamos ser atropelados.

— Só se hoje fizeres tudo à minha maneira.

— Isaiah…

— Kenny…

O carro buzina outra vez, desvia-se de nós e ainda nos brinda com um dedo do meio.

— Está bem! — acabo por ceder, exasperada. — Agora, por favor, podemos sair do meio da estrada?

O Isaiah decide finalmente começar a andar, atravessando até ao outro lado.

— Que número calças? — pergunta, de repente.

— O quê?

— Sapatos, Kenny. Que número?

— Trinta e seis e meio — digo, a soar mais a pergunta do que a resposta. — Porquê?

Sem dizer mais nada, ele entra num centro comercial de um hotel, ainda com bastante movimento, apesar da hora. Vai direto a uma loja da *Vans*, sem abrandar o passo, e dirige-se à secção feminina.

Pega num par em exposição na parede.

— Gostas de vermelho, não é? Estás sempre com o equipamento da equipa.

— Isso não é vermelho, é rosa-choque.

— A sério? — Ele inclina a cabeça, olha para os ténis e pousa-os de volta no mesmo lugar. — E com padrão aos quadrados? O Max tem uns assim.

O Max, o sobrinho de dois anos de que ele está constantemente a falar.

— Eu não costumo…

— Não, esquece, não são nada a tua cara — interrompe, antes de continuar a varrer a parede com o olhar até parar num par de ténis pretos de cano subido e plataforma, com uma risca branca lateral. — Estes. Gostas?

Não vou mentir. São giros. Não costumo fugir dos neutros, a não ser quando visto as cores da equipa, e a plataforma dá-me uns centímetros a mais, o que é sempre bom. Ter um metro e sessenta não é o fim do mundo, mas quando se trabalha com homens gigantes, a sensação de ser minúscula é bem real.

— Gosto desses.

O Isaiah levanta-os na direção do balcão.

— Pode ser um par trinta e seis e meio destes?

— O que estás a fazer?

— A comprar-te sapatos. Os teus pés estão a gritar por socorro.

Tiro o cartão da carteira, mas ele é mais rápido e enfia-o no bolso de trás, sem me olhar nem dizer nada. Pega ainda num par de meias junto à caixa e num casaco de ganga que pendura no dedo, levantando-a para eu a aprovar.

— Posso pagar os meus próprios sapatos.

— E eu disse que ia pagar-te uma bebida.

— Isto não é uma bebida.

— Faz parte da bebida. É a minha oportunidade e se passares a noite desconfortável nunca mais vais querer aceitar beber um copo comigo. Não posso arriscar que a minha única oportunidade corra mal porque tens frio e os pés doridos.

— Isaiah, isto não é a tua oportunidade. É só um copo.

Ele ignora-me completamente, enquanto a funcionária volta com os ténis. Entrega-lhe o cartão, paga os sapatos, as meias e o casaco, e depois estende-me o saco.

— Troca esses saltos por isto, Kenny, e vamos beber qualquer coisa.



O lustre no centro do bar parece engolir a sala inteira, espalhando brilhos cor-de-rosa e lilás pelos cortinados. É luxuoso, tudo aqui cintila.

Vamos avançando por entre a multidão, com ele a abrir caminho e de mão estendida para trás, disponível para que eu a agarre caso me desoriente, no entanto não chego a precisar. Nunca fui muito de toques casuais.

Quando chegamos finalmente ao balcão do bar e vemos dois bancos livres, ele puxa um para mim com uma mão, enquanto segura na outra os meus *Louboutin* brancos, entretanto trocados pelos ténis.

— É só um copo — relembro-o, enquanto me sento.

— Já o mencionaste.

Mal me instalo, os meus pés ficam a balançar no ar e o Isaiah olha para eles, a rir-se baixinho.

— Já te disse que me irritas muito?

— Mmm. — Ele humedece os lábios. — Ken, ficas desde já a saber que gosto de ti assim, mazinha. Isso mexe comigo.

— Então é por isso que não me largas há anos? Devia ter sido simpática desde o início, é isso?

— Se tivesses sido simpática talvez eu já te tivesse pedido em casamento várias vezes. Simpática, má, gosto de ti de todas as formas.

Ele senta-se ao meu lado e o seu olhar fixa-se na minha mão esquerda, que está pousada no balcão. O dedo no qual já não uso anel há mais de um ano ainda me parece demasiado leve. Vazio. Quatro anos com um diamante de oito quilates deixam marcas invisíveis.

Do outro lado, um tipo meio bêbedo ri-se tão alto que quase cai em cima de mim. Só quando me afasto é que ele percebe.

— Opa, desculpa — diz, sem tentar, sequer, disfarçar um olhar demasiado demorado nas minhas pernas.

Aperto o casaco de ganga e reparo no olhar cortante que o Isaiah lhe lança, o que é suficiente para o fazer voltar para o grupo dele.

— Ele que aprenda a olhar para o lado — resmunga o Isaiah, puxando o meu banco para junto do dele.

Rio-me.

— Um pouco como tu, agora?

Olha para mim de forma descarada, de cima a baixo, e, ao contrário do que acontecia há alguns meses, não sinto necessidade de esconder nada. Deve ser por causa desta estranha confiança que se criou entre nós.

Ele sorri, com um ar malandro.

— Não sei do que estás a falar.

Pego na carta dos *cocktails*.

— Então, o que vamos beber?

— *Vamos*? Céus, Kenny, isto é um primeiro encontro. Não fazia ideia de que já somos um «nós».

— A partir de que momento da noite é que costumas ser menos insuportável?

— Dizem que é ao fim de três ou quatro copos. Então, o que vai ser?

— Não sei. Não costumo beber muito.

— Nunca? Nem sequer na faculdade?

— Nem por isso. Andava demasiado ocupada a estudar para os exames de acesso a Medicina para andar emborcar cerveja até vomitar.

E também estava demasiado ocupada a tentar ser perfeita, mas isso fica para outra altura.

Os olhos dele enrugam-se nos cantos e surge no seu rosto um pequeno sorriso.

— Queres que seja eu a escolher uma bebida para ti?

— Vais pedir-me um daqueles copos gigantes e irritantes que levam horas para terminar, já que só vou beber um contigo?

— Não. Vou pedir-te uma bebida normal, da qual acho que vais gostar e, no fim, se ainda quiseres voltar para o hotel, a noite acaba aí.

Levanto uma sobrancelha, surpreendida.

— Já estás a desistir, Rhodes?

— Tenho fé de que vais querer ficar mais um pouco comigo.

— Que arrogância impressionante.

— Confiança — corrige.

O Isaiah Rhodes é confiante, sim, mas de uma forma descontraída e irritantemente carismática, nada sufocante. Tem um ar leve e descomplicado que não tem nada que ver comigo.

Mas anos a observá-lo bastaram para perceber que essa leveza tem outro lado. Ele é inconsequente, demasiado despreocupado. Sempre foi o centro da festa, desde que o conheço. Nunca pensa muito no futuro nem nas consequências das suas ações. Existe nele uma liberdade, uma facilidade que talvez venha do facto de ser o irmão mais novo de alguém que sempre assumiu todas as responsabilidades.

Para ser honesta, não sei muito mais do que isto sobre ele, mas é fácil imaginar que o Isaiah Rhodes consegue levar raparigas inteligentes a fazer disparates. É por isso que nunca cedi, nem sequer pensei em ceder a todos os anos de namorisco e de tentativas de sedução.

Ele quer aquilo que não pode ter e, se algum dia eu cedesse, o desafio acabaria e ele perderia o interesse.

— Como é que te dás com tequila? — pergunta.

— Acho que me faz tomar más decisões.

— Perfeito. — E o seu sorriso volta, bem largo, antes de se virar para o *barman* e pedir duas bebidas iguais.

Enquanto espera, mantém os meus sapatos no colo, com as pernas abertas de cada lado da minha cadeira, virado para mim.

— Quando é que vais dizer ao doutor Fredrick que mereces uma promoção?

Solto uma gargalhada curta, de surpresa.

— Há quanto tempo é que estavas à espera de me perguntar isso?

Olha para o relógio e noto que o seu maxilar se contrai ao ver que já passa da meia-noite.

— Desde há precisamente três anos.

— Três anos?

— Conhecemo-nos neste dia, há três anos, e desde aí que penso nisso todos os dias. Andas a colar ligaduras e a enfaixar sacos de gelo quando és uma médica a sério, Kenny. És demasiado boa para o que te fazem aqui.

— Lembras-te da data exata em que nos conhecemos? — O quê?! Sempre soube que ele tinha uma espécie de fraquinho superficial por mim, mas pensei que fosse só uma brincadeira entre ele e os colegas.

A única mulher da equipa? Óbvio que a quero comer. Esse tipo de conversa.

— Kennedy, concentra-te. A época começa para a semana e acho que já está mais do que na hora de falares. Aliás, apetece-me ser eu a dizer alguma coisa. Ele tem-te dado os piores turnos e as tarefas mais básicas. Não estás farta?

Ele lembra-se do dia em que nos conhecemos? Porquê? Não teve nada de especial, além de eu começar a fazer este trabalho. E sim, o meu chefe é horrível, mas gosto de trabalhar aqui. Gosto do ritmo do desporto profissional. Das viagens. Dos adeptos. Da adrenalina do fim da época.

— Não vou dizer nada. E tu também não.

— Ken…

— Estou a ser considerada para uma promoção.

Ele recua um pouco.

— Estás?

— Não aqui nos Warriors, mas sim.

Assim que o *barman* pousa os copos no balcão, ele recosta-se e revira os olhos, num gesto lento e carregado de ironia.

— Deixa-me adivinhar: o Atlanta quer contratar-te.

O meu meio-irmão joga em Atlanta e, apesar de ser dos meus melhores amigos, ele e o Isaiah são rivais desde miúdos. Começámos a fazer parte da mesma família no fim do secundário e só nos aproximámos mesmo na faculdade, por isso nunca soube dessa história até ao ano passado, no Dia da Família em Chicago, quando se cruzaram e juntaram as peças.

— Não, não é o Atlanta. É o São Francisco.

O Isaiah fica parado, com o copo suspenso a meio caminho da boca.

— Califórnia? Mas isso é do outro lado do país.

— Pois é. Mas o clima é incrível e o médico-chefe vai reformar-se no final desta época. O médico secundário não quer o lugar, então estão à procura de alguém para substituí-lo e o meu mentor, com quem fiz uma especialização, recomendou-me.

Sinto o entusiasmo a subir a cada palavra que digo. É o trabalho com que sonhei. Aquele para o qual passei a vida a preparar-me. Sou uma das três finalistas. Só preciso de acabar esta época em força, fazer uma boa entrevista e o lugar pode ser meu.

— Califórnia — repete ele, analisando o meu rosto.

Bebo bastante de uma vez, entusiasmada com o que o futuro pode trazer e com o sabor da bebida. Nem parece tequila.

— Seria a primeira médica-chefe na história da MLB[1].

Ele curva os lábios.

— Como deve ser. Isso é incrível, Kenny. Mereces tudo de bom.

Ainda estou a tentar convencer-me disso.

— Só para esclarecer — continua —, então *não* vamos dizer nada ao doutor Fredrick? Nem que ele é um misógino de merda e que a forma como vê as mulheres no desporto deve ser a razão por que a mulher dele o deixou no ano passado?

Solto uma gargalhada sentida, daquelas que me costumo impedir de dar à sua frente.

— Só depois de assinar o contrato e quando estiver a mais de três mil quilómetros daqui.

O Isaiah suspira e recosta-se na cadeira.

— Califórnia? Sabes que é o lugar de que menos gosto?

— E quando é que decidiste isso?

— Há dois minutos.

Ele bebe tudo de uma só vez e pousa o copo no balcão.

— Levo-te ao hotel quando quiseres.

O quê?

— É só isso? Compraste-me ténis e um casaco, tudo por uma bebida que demorou mais a ser feita do que tu a bebê-la?

— Disseste que era só um copo.

— Talvez tenha mudado de ideias.

Ele levanta as sobrancelhas, surpreendido, e endireita-se na cadeira, deixando para trás aquele ar de derrota.

[1] MLB refere-se à *Major League Baseball* (Liga Principal de Basebol) nos EUA e Canadá, a mais antiga e prestigiada liga de basebol profissional. [*N. da R.*]

— Estás a dizer-me que queres ficar e beber outro copo comigo, Kenny?

Nunca fui de agir por impulso, como ele. Nunca misturei trabalho com diversão. Mas há qualquer coisa de diferente no Isaiah. Uma familiaridade, uma espécie de conforto que não deixo que ninguém veja quando estou no trabalho.

Talvez seja por ele ser a única pessoa em Chicago que conhece o meu segredo, e agora também a única a quem posso contar esta novidade que anda a encher-me o peito.

Talvez seja por estar tão perto da meta. Falta apenas uma época para o meu emprego de sonho.

Por isso, sim. Talvez me apeteça divertir-me um pouco. Talvez queira calar a parte de mim que é sempre perfeita e, por uma vez, ser um pouco irresponsável, depois de um fim de semana infernal.

— Sim. — Acabo de um trago o resto da bebida. — Quero beber outro copo contigo.